

## Reservas internacionais atingem US\$ 60,3 bi

Privatização e captação de recursos externos contribuíram para as reservas, no conceito de liquidez, alcançarem níveis recordes na história do País

Ivanir José Bortot  
de Brasília

As reservas do Brasil no conceito de liquidez internacional, que envolvem haveres de curto, médio e longo prazos atingiram em final de julho US\$ 60,3 bilhões, sendo o segundo melhor desempenho na história do País. As reservas, no conceito de caixa, que são haveres prontamente disponíveis, subiram 4,94% e passaram de US\$ 56,7 bilhões em junho para US\$ 59,5 bilhões em julho, o que constitui-se em um recorde absoluto.

O aumento em US\$ 2,8 bilhões nas reservas, consequência da captação no exterior e do ingresso dos recursos de privatização, provocou uma expansão de moeda na economia e uma queda nas taxas de juro no mercado interno com anuência expressa do Banco Central (BC). A abundância de recursos externos e o aumento das reservas – embora seja um bom sinal acabaram destoando do quadro dos dois mais importantes itens do balanço de pagamento: a conta de transações correntes.

A balança comercial, que é um dos principais fatores do balanço de transações correntes, gerou um déficit de US\$ 814 milhões em julho e já acumula um saldo negativo de US\$ 5,524 bilhões no ano. O governo foi surpreendido com a balança comercial no mês passado, uma vez que trabalhava com um desempenho melhor. “Nos últimos dois dias houve importação pesada de bens de capital e petróleo”, disse uma fonte do ministério da Fazenda.

O governo precisa melhorar o desempenho da balança comercial para fazer frente aos compromissos

**Déficit na  
balança comercial  
em julho foi  
de US\$ 814 mi e  
no ano já está  
em US\$ 5,52 bi**

externos como juros, fretes, viagens internacionais, lucros e dividendos, entre outras despesas que vêm sendo deficitárias na conta de transações correntes. As despesas com juros e o principal da dívida externa de responsabilidade da União foram muito pequena, o que ajudou o acúmulo das reservas. Mas isso não significa dizer que as dificuldades da conta de transações correntes, que já atingiu a 4,19% do Produto Interno Bruto (PIB) em julho, estejam superadas.

“Está havendo uma substituição muito consistente na qualidade de capital que está entrando no Brasil. Está saindo capital volátil e entrando muitos recursos de longo prazo e de privatização”, disse Maria do Socorro Costa de Carvalho, chefe do Departamento das Operações das Reservas Internacionais do Banco Central (Depin). O mercado de câmbio no segmento de taxas livres mostra bem o que vem ocorrendo na área externa.

As operações com ingresso de recursos externos pelo segmento de taxas livres atingiram US\$ 12,364 bilhões em julho, mais um recorde histórico, contra vendas de US\$ 7,664 bilhões. Nos sete primeiros meses deste ano o ingresso de US\$ 52,672 bilhões pelo segmento livre é 35,5% maior do que o verificado em igual período do ano passado. O fluxo de venda do câmbio financeiro, que representa saídas de divisas, foi de US\$ 39,9 bilhões entre janeiro e julho, indicando um aumento de 30%.

Os números da balança comercial cambial, ao contrário, têm sido bastante modestos, a não ser pelos valores relativos às importações. As operações de moeda

estrangeira com exportações ficaram em US\$ 31,7 bilhões nos sete primeiros meses deste ano, indicando um crescimento inferior a 1%. As operações com importações atingiram US\$ 33,766 de janeiro a julho e cresceram 53,4% em relação ao mesmo período do ano passado. O efeito deste aumento com desembolsos nas importações feitas pelo Brasil acabou sendo amenizado do ponto de vista das contas externas, uma vez que os importadores estão conseguindo linhas de financiamentos no exterior.

O desempenho nas operações da balança comercial cambial de julho nas importações e exportações manteve a trajetória que vem sendo desenhada deste o início do ano. A balança comercial cambial apresenta um déficit de US\$ 1,9 bilhão acumulado no ano, diferente da balança física, que contabiliza as mercadorias importadas e exportadas que passam pelas alfândegas do Brasil.

A redução da taxa de juro interna, a crise cambial nos países asiáticos e a valorização do dólar diante do marco, do iene e outras moedas estrangeiras vêm contribuindo para a fuga de recursos externos, através do segmento de taxas flutuantes, onde se contabiliza os recursos que entram e saem do Brasil através das contas previstas na carta circular número cinco (CC-5). O marco alemão teria sofrido uma desvalorização de 18% nos últimos seis meses diante do dólar. Na prática, significa uma valorização do real frente ao marco, o que torna difícil a exportação do Brasil para a Alemanha e a importação mais atraente, caso esse quadro seja mantido.

**Ingresso de  
recursos pelo  
segmento de  
taxas livres  
é recorde:  
US\$ 12,4 bi**

nha e a importação mais atraente, caso esse quadro seja mantido.

Apenas em julho houve uma saída líquida pelo segmento de câmbio flutuante de US\$ 1,6 bilhão. Nos sete primeiros meses deste ano ocorreu uma saída líquida de US\$ 10 bilhões. Para ter uma noção, apenas, no ano passado todo o segmento flutuante exportou US\$ 14 bilhões. A queda da taxa de juro ocorrida em julho é um fator de estímulo para a fuga desses recursos, que são atraídos ao País por causa da rentabilidade.

O forte fluxo de ingresso de recursos externos em julho, que ajudou a elevar as reservas, provocou uma queda nas taxas de juro, mas é claro que foi com a vontade da autoridade monetária. O Banco Central entrou no mercado realizando resgates de papéis apenas para evitar que a “taxa over” ficasse muito abaixo da Taxa Básica do Banco Central (TBC), que é uma

espécie de piso para o mercado. A TBC equivale 2,224% ao mês na equivalência para a “taxa over”. O mercado conviveu com taxas entre 2,23% e 2,04% no over.

A autoridade monetária poderia enxugar a liquidez do mercado realizando emissões líquidas de papéis, mas preferiu aproveitar o efeito contracionista de recolhimento de recursos de assistência financeira de liquidez dos bancos junto ao Banco Central para deixar no mercado os reais trocados pelos dólares, que foram compor as reservas internacionais do País. O aumento de oferta provocou uma redução no custo do dinheiro para os bancos.

A queda da “taxa over” afeta a rentabilidade do cupom cambial, que chegou a ficar abaixo de 9% em julho. O investidor acaba indo atrás de um investimento mais rentável. Esta é uma forma que a autoridade monetária usou para induzir a troca

**Privatização  
deve resultar  
no ingresso de  
recursos da  
ordem de  
US\$ 2 bilhões**

de recursos de longo prazo por capital volátil, sem alterar a TBC.

O Banco Central deverá manter a mesma política em agosto, quando o fluxo de ingresso de capital deverá permanecer elevado. Apenas com o processo de privatização o Brasil deverá receber mais de US\$ 2 bilhões. A concessão dos serviços de telefonia da Banda “B” feita em

julho vai ajudar no ingresso de US\$ 1,2 bilhão este mês.

A privatização da Companhia Elétrica da Bahia (Coelba) foi um dos fatores de pressão sobre o piso da banda cambial ontem. É que houve o ingresso entre US\$ 400 milhões e US\$ 500 milhões, segundo estimativas do BC, para o pagamento da Coelba. A companhia Paranaense de Energia Eletricidade (Copel) realizou uma captação de US\$ 500 milhões no mercado de Nova York, cujos os recursos estão ingressando este mês.